

## A VOGAL DE APOIO EM POSIÇÃO INICIAL EM *CLUSTERS* /SC/ POR APRENDIZES DE INGLÊS COMO L2

Almir Anacleto de Araújo Gomes (UFCG)<sup>1</sup>

Rubens Marques de Lucena (UFPB)<sup>2</sup>

Mikaylson Rocha da Silva (UFPB)<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este estudo descreve e analisa o processo variável da vogal epentética em palavras na língua inglesa iniciadas por clusters por aprendizes brasileiros de inglês como segunda língua (L2). O objetivo dessa pesquisa é, então, identificar a frequência de inserção da vogal de apoio na posição inicial das palavras em língua inglesa que se iniciam com um dos seguintes clusters: /sp/, /st/, /sk/, /sl/, /sm/, e /sn/. O corpus deste estudo é constituído por 18 informantes paraibanos, aprendizes de inglês como L2, estratificados nos níveis básico, intermediário e avançado de proficiência. Os dados mostram que as variáveis sonoridade do encontro consonantal, nível de proficiência, instrução explícita na L2 e contexto precedente foram as mais relevantes à realização do fenômeno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epêntese Vocálica. Variação Linguística. Interlíngua. Aprendizagem de L2.

**ABSTRACT:** *This study describes and analyzes the variable process of the epenthetic vowel in English words initiated by clusters, by Brazilian learners of English as a second language (L2). The objective of this research is to verify the frequency of support vowel use in the initial position of English words beginning with one of the following clusters: /sp/, /st/, /sk/, /sl/, /sm/, e /sn/. The research corpus is constituted of speech of 18 informants from the state of Paraíba, Brazil, learners of English as L2, stratified at basic, intermediate and advanced levels of proficiency. The data show that the variables sonority of the consonantal encounter, level of proficiency, explicit instruction in L2, and previous context were the most relevant to the production of the phenomenon.*

**KEYWORDS:** *Vowel epenthesis. Linguistic variation. Interlanguage. L2 learning.*

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo descrever e analisar o processo variável de inserção de vogal epentética em palavras na língua inglesa com encontros consonantais em posição inicial na produção de aprendizes brasileiros de inglês como segunda língua (L2). Compreendemos a epêntese vocálica como um fenômeno de inserção de uma vogal de apoio para a reparação de um padrão fonotático não existente na língua (SILVA, 2011). Nesse sentido, compreendemos que esse fenômeno “consiste em intercalar numa palavra ou grupo de palavras um fonema não-etimológico por motivos de eufonia, de comodidade articulatória, por analogia, etc” (DUBOIS et al. 2006, p. 220).

Para tanto, procuramos identificar a frequência de ocorrência da epêntese vocálica inicial das palavras em língua inglesa que iniciam com um dos seguintes encontros

---

<sup>1</sup> Professor de Língua Inglesa na Unidade Acadêmica de Educação do Campo UAEDUC/CDSA na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: almir.ufcg@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Associado da Universidade Federal da Paraíba, atua no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING). Suas áreas de interesse em pesquisa são Sociolinguística e Estudos de Contato Linguístico. E-mail: rubenslucena@yahoo.com

<sup>3</sup> Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (2016). Atualmente é aluno regular do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB), nível doutorado. E-mail: mikaylson\_rocha@hotmail.com

consonantais: /sp-/ como em *sport* /spɔ:t/, /st-/ como em *street* /stri:t/, /sk-/ como em *screen* /skri:n/, /sl-/ como em *slice* /slais/, /sm-/ como em *smoke* /sməʊk/, e /sn-/ como em *snake* /snæk/<sup>4</sup>, denominados sC *clusters*<sup>5</sup>, por aprendizes brasileiros de inglês como L2, levando em consideração o fato de que a primeira língua (L1) desses aprendizes, ou seja, o português brasileiro (PB), não apresenta a ocorrência de tais grupos consonantais na posição inicial.

Apresentamos brevemente, na seção a seguir, o fenômeno investigado neste estudo, seguido de uma sucinta revisão bibliográfica de investigações que abordaram o fenômeno em questão. Em seguida, apresentamos o delineamento metodológico utilizado nesta pesquisa seguida da discussão dos resultados alcançados, e por fim, as conclusões que este estudo alcançou.

## O FENÔMENO DA EPÊNTESE VOCÁLICA INICIAL EM ENCONTROS CONSONANTAIS SC

A sílaba do PB admite a seguinte estrutura máxima: C1C2VVC3C4, com pelo menos uma vogal no núcleo da sílaba (SILVA, 2011). Assim, podem ocorrer sílabas com uma ou duas consoantes pré-vocálicas. Quando se têm duas consoantes pré-vocálicas, a primeira consoante deve ser uma obstruinte, ou seja, uma consoante oclusiva ou fricativa pré-alveolar: /p, b, t, d, k, g, f, v/; a segunda consoante deve ser uma líquida, isto é, uma consoante lateral /l/ ou rótica /r/ (SILVA, 2011).

A variação de uso da epêntese está compreendida dentro do fenômeno denominado interlíngua<sup>6</sup> (SELINKER, 1972), visto que se trata de aprendizes de inglês como L2. Compreende-se que a aprendizagem de L2 não representa um fenômeno categórico, e que fatores linguísticos, tais como o contexto fonológico precedente e posterior, o tamanho do encontro consonantal, variáveis extralinguísticas, tais como o nível de proficiência e o de consciência fonológica/instrução explícita do falante, sexo e idade, influenciam essa variação (GASS; SELINKER, 2008).

Ainda no que diz respeito à produção do fenômeno epentético, observa-se que os aprendizes procuram uma forma de compensar essa estrutura não existente na sua L1 ao produzirem tais estruturas na língua-alvo. Para que haja essa compensação, uma das estratégias utilizadas é acrescentar a vogal epentética antes do encontro consonantal sC, promovendo uma ressilabação (SILVA, 2011). Assim, tem-se, por exemplo, 'smile' /smaɪl/ → [ɪsmaɪw].

Sendo a epêntese vocálica um fenômeno relacionado ao processo de silabação, "ela consequentemente também depende de direcionalidade" (COLLISCHONN, 1996, p. 150), ou seja, pode-se prever a posição da inserção da vogal com base na direção da silabação. Então, no PB o alinhamento do molde silábico ocorre da direita para a esquerda admitindo-se assim a epêntese vocálica, à esquerda (epêntese inicial #CC → #\_VCC). Assim, Collischonn (1996) aponta que a epêntese vocálica ocorre à esquerda quando a consoante perdida for a sibilante /s/.

Conforme se pode perceber, uma série fatores linguísticos, como o contexto fonológico precedente, a sonoridade da segunda consoante do encontro consonantal, e fatores extralinguísticos, como a proficiência, o estilo ou nível de monitoramento e a consciência fonológica/instrução explícita na L2 podem influenciar a ocorrência da vogal epentética, na

<sup>4</sup> Apresentamos a transcrição fonética com base no inglês padrão britânico e no dicionário *Cambridge Dictionary* disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/>. A

<sup>5</sup> Compreendemos sC *clusters* os encontros consonantais formados pela fricativa alveolar surda /s/ mais um som consonantal /p/, /t/, /k/, /l/, /m/, ou /n/.

<sup>6</sup> A interlíngua é compreendida aqui como um fenômeno no qual o sistema linguístico do aprendiz de L2 adulto se diferencia tanto da sua língua nativa quanto da língua-alvo, ao se expressar na L2.

produção dos aprendizes de L2. Observamos que este fenômeno epentético se dá pela necessidade que os aprendizes de Língua Inglesa como L2 têm em adequar os padrões fonotáticos da L2, os quais não foram ainda adquiridos, com base nos padrões fonotáticos de sua L1.

A consciência fonológica é compreendida como uma sensibilidade do indivíduo aos sons de uma língua. Por conseguinte, a reflexão e a manipulação são elementos-chave dessa habilidade. A manipulação do sistema sonoro da língua compreende a habilidade de fracionar a língua oral em componentes menores, de apagar, substituir ou acrescentar sons a uma palavra, assim como ser capaz de perceber se determinada palavra apresenta uma sequência sonora bem formada, segundo os padrões fonotáticos da língua a qual pertence (ALVES, 2012).

Nesse sentido, Lucena e Alves (2012, p. 6) corroboram essa relação entre a instrução explícita e a consciência fonológica, afirmando que a “variável instrução explícita se refere ao grau de consciência fonológica por parte dos falantes com relação às formas da LE”. Assim, para alguns trabalhos, a consciência fonológica e a instrução explícita estão numa relação próxima, no sentido de que a instrução explícita da L2 leva ao desenvolvimento da consciência fonológica da língua alvo.

## **A EPÊNTESE VOCÁLICA INICIAL EM ENCONTROS CONSONANTAIS SC NOS ESTUDOS EM AQUISIÇÃO DE L2 E VARIACIONISTAS**

Com o propósito de verificar se a relação de marcação em uma língua-alvo influenciaria a dificuldade de aquisição da L2, Carlisle (1988) desenvolveu a Hipótese de Marcação Intralingual (Intralingual Markedness Hypothesis - IMH) e investigou o efeito da marcação na aquisição de inglês como L2 por aprendizes falantes nativos de espanhol.

Para testar a IMH, duas condições foram estabelecidas: primeiro, que a estrutura da língua-alvo deve ser diferente da estrutura na língua nativa do aprendiz e, segundo, a estrutura na língua-alvo deve estar em condição de marcação. Diante disto, foi investigada a aquisição dos encontros consonantais /sl/, /sm/ e /sn/, em que todos atendem às condições de testagem de IMH.

Para a investigação, Carlisle (1988) selecionou 14 participantes adultos, falantes nativos de espanhol, da Colômbia, México e República Dominicana, sendo sete informantes do sexo masculino e sete informantes do sexo feminino. Para a coleta de dados, gravou-se a leitura de 435 sentenças, não relacionadas semanticamente entre si, pelos participantes, nas quais havia 145 sentenças para cada encontro consonantal inicial (/sl/, /sm/ e /sn/).

Os resultados obtidos com essa investigação ajudaram a explicar, e não somente a apontar um aspecto da interlíngua em L2, que trata da variabilidade. Os dados mostraram que a frequência média da epêntese vocálica inicial antes de /sl/ foi significativamente inferior a /sm/ e /sn/, apontando que estruturas menos marcadas são frequentemente menos modificadas do que estruturas mais marcadas, isto é, apresentam maior facilidade de aquisição.

A investigação replicou os estudos de Carlisle (1988, 1991, 1992, 1994, 1997, 1998), que tinham como foco o fenômeno da epêntese vocálica inicial sob as condições de contexto precedente, extensão do encontro consonantal e sonoridade em condições de fala elicitada.

Os resultados obtidos confirmam os estudos anteriores a respeito da produção dos encontros consonantais sC, em que o contexto precedente influencia na produção da epêntese vocálica, sendo o uso mais frequente quando o contexto precedente trata-se de um som consonantal. A extensão do encontro consonantal também favorece o aparecimento da epêntese, ou seja, um encontro consonantal com três segmentos após /s/ é o contexto mais favorável para o aparecimento da vogal epentética do que apenas com dois membros (CARLISLE, 1988). Por ser um estudo longitudinal, percebeu-se que o efeito de diminuição da

frequência de produção da epêntese vocálica inicial não decresce de forma retilínea a partir do início da aprendizagem da L2, porque há variações durante o processo.

Tendo como referência os estudos de Carlisle (1991, 1992, 1997) e Rebello (1997), cujos resultados se contradizem em alguns pontos, Rauber (2002) e Rauber e Baptista (2004) desenvolveram um estudo com o objetivo de investigar a dificuldade na produção de encontros consonantais sC iniciais em inglês como L2, por falantes nativos de português do Brasil e por falantes nativos de espanhol da Argentina. Para tanto, Rauber e Baptista (2004) descrevem brevemente a estrutura silábica de cada língua e apresentam estudos que mostram as principais estratégias usadas pelos aprendizes para superar essas dificuldades na produção de encontros consonantais sC iniciais.

Participaram da investigação nove falantes nativos de espanhol da Argentina, matriculados no primeiro e segundo anos de curso de Letras, e dez falantes nativos de português do Brasil cursando segundo e terceiro anos do curso de Letras. Os informantes foram solicitados a ler 180 sentenças de temas diversificados. As sentenças foram distribuídas de modo que contemplasse igualmente as palavras com um dos encontros consonantais sC iniciais estudados (/sp/, /st/, /sk/, /sw/, /sm/, /sn/, /sl/, /spr/, /str/, /skr/, /spl/ e /skw/, bem como tendo o contexto precedente controlado, entre três fatores: vogal, consoante ou silêncio. Os pesquisadores transcreveram a parte de cada sentença considerada importante para a pesquisa tendo em vista: a presença ou ausência da epêntese vocálica inicial, a realização fonética do contexto precedente e a representação fonética do encontro consonantal inicial. As variáveis possíveis inibidoras da pronúncia da língua-alvo foram analisadas estatisticamente através do teste de significância qui-quadrado, que permite testar a significância relativa das variáveis.

Os resultados demonstraram que tanto os falantes nativos de espanhol, quanto os de PB, aprendizes de inglês como L2, utilizaram mais a estratégia de epêntese vocálica antes de encontros tri-consonantais do que antes de encontros bi-consonantais. Com isso, confirmam-se as previsões baseadas na MDH, corroborando a hipótese para os falantes nativos de espanhol, mas não para os falantes nativos de português.

Entretanto, em relação aos falantes nativos de português, os resultados foram inconcludentes. Quanto à terceira suposição, os resultados confirmaram para os falantes nativos de espanhol que a frequência de inserção da epêntese vocálica é maior após contexto de consoantes, seguido de vogais, e, por fim, de silêncio.

Em relação aos falantes nativos de português, esse estudo confirmou parcialmente os resultados de Rebello (1997), já que os resultados mostraram que estes introduziram a vogal epentética mais frequentemente após o contexto de vogal, seguido de consoante e por fim de silêncio.

Adiante, Escartín (2005) investiga a produção da epêntese vocálica [e] na produção de aprendizes de inglês como L2 por falantes nativos de espanhol no ambiente de sala de aula. A pesquisa leva em conta fatores linguísticos, a exemplo de contexto fonológico precedente, perfil sonoro dos componentes dos encontros consonantais, e fatores extralinguísticos, como nível de monitoramento e proficiência dos aprendizes como possíveis favorecedores da produção da vogal epentética.

Os dados obtidos por Escartín (2005) foram tratados através do GoldVarb (2001), um programa utilizado para tratamento de dados estatísticos, e analisados segundo a Teoria da Otimidade, combinando ferramentas metodológicas de três disciplinas diferentes: a Sociolinguística, a Aquisição de L2 e a Fonologia.

Quanto aos fatores linguísticos, os resultados do estudo mencionado anteriormente demonstram que o contexto precedente se comporta de maneira semelhante quanto à

produção da epêntese vocálica, seja uma pausa ou uma consoante precedente; já o contexto de vogal precedente facilita a produção da epêntese por aprendizes hispânicos de inglês como L2. Além disso, a produção de encontros consonantais sC formados por s + consoante obstruinte são mais difíceis de serem adquiridos (CARLISLE, 1988). Em relação aos fatores extralinguísticos, o estudo corroborou outros estudos em Aquisição de L2, demonstrando que, conforme o nível de proficiência do aprendiz se eleva, a frequência de produção da vogal epentética decresce.

Cornelian Jr. (2007), percebendo que muitos estudantes brasileiros de L2 atingem um nível de proficiência comparável ao nativo em competência gramatical e lexical, mas que não têm a mesma competência em relação à pronúncia, decidiu investigar quais fatores podem inibir o desenvolvimento da proficiência na pronúncia em L2. O foco da pesquisa foi a aquisição da pronúncia do /s/ inicial antes de encontros consonantais sC por aprendizes brasileiros de inglês como L2, levando em consideração que o contexto precedente ao encontro consonantal sC atua de forma especial na hierarquia de dificuldade de aquisição da pronúncia dos encontros consonantais (CARLISLE, 1988).

Para atingir os objetivos propostos, Cornelian Jr. (2007) procurou responder algumas questões relacionadas à frequência de uso da epêntese vocálica em diferentes contextos e estruturas fonológicas por aprendizes brasileiros de inglês como L2. A primeira pergunta está relacionada ao comprimento do encontro consonantal como fator influente na produção da epêntese vocálica inicial. No entanto, os dados não permitiram estabelecer uma posição firme se os encontros consonantais sCC eram mais propícios à inserção da vogal do que os encontros consonantais sC. A segunda questão investigada diz respeito à relação da sonoridade do encontro consonantal com a frequência de produção da variante com epêntese vocálica.

Os resultados mostraram que os encontros consonantais sC com soantes são maiores facilitadores de ocorrência do fenômeno observado do que os encontros consonantais sC com oclusivas. Cornelian Jr. (2007) investigou ainda se a tendência dos brasileiros de pronunciar o som /s/ vozeado antes de encontros consonantais vozeados influenciaria a ocorrência da epêntese vocálica inicial, o que se evidenciou de fato como um fator influente a partir dos dados analisados.

Por fim, foi investigado se o contexto precedente vocálico ou consonantal seria o mais facilitador para a ocorrência da epêntese vocálica inicial em encontros consonantais sC. Corroborando estudos anteriores (REBELLO, 1997; RAUBER, 2002), o contexto vocálico precedente propiciou uma maior frequência da epêntese vocálica por aprendizes brasileiros de inglês como L2. Além disso, Cornelian Jr. (2007) propõe uma hierarquia no ensino dos encontros consonantais, indo do menos complicado para a produção oral para o mais difícil no contexto de ensino brasileiro.

Cardoso (2007; 2008) investigou o efeito da marcação e da frequência de *input* na variação de aquisição de encontro consonantal sC inicial na fala de aprendizes brasileiros de inglês como L2 em ambiente de sala de aula, já que há duas correntes que tentam explicar o fenômeno analisado: a primeira, baseada na MDH de Eckman (1977 *apud* CARDOSO, 2007, 2008), compreende que, quanto maior a diferença entre a estrutura na língua-alvo em relação à L1 do aprendiz, ou seja, quanto mais marcada for a estrutura-alvo, mais dificuldade terá o aprendiz de adquiri-la.

O estudo teve como foco os encontros consonantais /st/, /sn/ e /sl/, por apresentarem a característica comum do ponto de articulação em sua produção, ou seja, são sons coronais. Para efeitos de investigação, foi considerada como hipótese do efeito de marcação o encontro consonantal /sl/ como mais fácil de articular ou de ser adquirido anteriormente, seguido de /sn/ e por fim o /st/. Em contraponto, foi considerada a hipótese de frequência, que aponta /st/ como

o encontro consonantal mais frequentemente usado, conseqüentemente, mais fácil de ser aprendido, seguido de /sl/ e por último /sn/.

Para a coleta de dados, foram gravadas 30 horas de áudio de um professor de inglês como L2 para definição da frequência de *input* de encontros consonantais na sala de aula a que os aprendizes foram submetidos. Em seguida, foram investigados dez aprendizes brasileiros de inglês como L2 de dois níveis de proficiência diferentes: pré-intermediário e avançado. A pesquisa seguiu padrões sociolinguísticos de coleta e tratamento de dados e chegou a resultados que indicaram que os aprendizes tinham mais facilidade de produzir os encontros consonantais sC da forma-alvo quando mais proficientes na língua estrangeira, principalmente quando se trata dos encontros consonantais /sl/ ou /sn/.

Boudaoud e Cardoso (2009) procuraram investigar a variação da produção de encontros consonantais sC na posição inicial por nativos de língua persa aprendizes de inglês como L2. O estudo teve como foco a produção dos encontros consonantais /st/, /sn/ e /sl/ por serem homorgânicos, isto é, tratar-se de três sons coronais, como mencionado anteriormente, apresentando assim, o mesmo ponto de articulação na produção em L2. Assim como no estudo de Escartín (2005), essa investigação utilizou ferramenta da Sociolinguística Variacionista levando em consideração tanto fatores linguísticos como contexto precedente (som consonantal, vocálico ou pausa), marcação da sonoridade do encontro consonantal, bem como fatores extralinguísticos, como proficiência dos informantes da pesquisa (iniciantes, intermediários e avançados) e nível de monitoramento da coleta de dados (formal ou informal), como possíveis facilitadores da produção da epêntese vocálica na produção dos encontros consonantais sC. Além disso, os dados de 30 adultos falantes nativos de língua persa foram analisados com base nos escopos da Fonologia e da Aquisição de Segunda Língua.

Como resultado do estudo realizado, ao contrário do trabalho de Escartín (2005), Boudaoud e Cardoso (2009) detectaram que a inserção da epêntese vocálica é mais propícia de ocorrer com contexto precedente de som consonantal ou pausa do que com som vocálico. Compreende-se, assim, que o contexto vocálico precedente é facilitador da aprendizagem da pronúncia-alvo de inglês como L2.

Em relação aos fatores de extralinguísticos, foi verificado que o nível de proficiência e o nível de monitoramento influenciaram na produção da epêntese vocálica, ou seja, quanto menos proficiente era o aprendiz, ou quanto menos informal era a situação de produção, mais ocorria a epêntese vocálica com os encontros consonantais sC analisados. Verificou-se também que, quanto maior o nível de proficiência e de formalidade, menor o aparecimento da epêntese.

Conforme podemos observar nos resultados dos trabalhos apresentados, diversas variáveis atuam na realização da epêntese vocálica inicial na interlíngua de aprendizes de L2, levando-nos a buscar uma compreensão desse fenômeno a partir das Teorias de Aquisição de L2 e da Sociolinguística Variacionista.

## **METODOLOGIA**

O *corpus* deste estudo compõe-se de dados de 18 brasileiros, que nasceram e moram nas cidades de Campina Grande ou João Pessoa, no estado da Paraíba. Os informantes apresentavam, portanto, características do falar paraibano. Outro critério para a seleção dos informantes foi o fato de que eles deveriam ser aprendizes de inglês como L2. Eles foram divididos em três níveis de proficiência: básico, intermediário e avançado. A estratificação dos informantes se deu a partir da aplicação do teste de proficiência *Oxford Placement Test* (ALLAN, 2004).

Neste estudo investigamos o papel das variáveis independentes: proficiência na língua; tipo de instrumento; contexto fonológico precedente (figura 01); sonoridade do encontro

consonantal; e instrução explícita na L2 no favorecimento ou inibição da vogal epentética (variável dependente), no contexto já mencionado.

**Figura 01** - Encontro consonantal inicial com contexto fonológico consonantal precedente

Cluster	Consoante precedente	Exemplo
/st/	Labial	...cab stopped
	Coronal	...and Steve
	Dorsal	...big stadium
/sm/	Labial	...room smells
	Coronal	...and smile
	Dorsal	...big smile
/sp/	Labial	...of spiders
	Coronal	...In spite
	Dorsal	...doing sports
/sl/	Coronal	...soon slapped
	Dorsal	...like slithering
/sn/	Labial	...five snakes
	Coronal	...terrible snow
	Dorsal	... big snowball
/sk/	Labial	...five skirts
	Coronal	...fun sketch
	Dorsal	...pink skirt

Fonte: o autor.

Em relação à instrução explícita na L2, os informantes desta pesquisa foram estratificados (figura 02) em: aprendizes com instrução explícita na L2, que são os informantes que cursam ou cursaram Letras com habilitação em Língua Inglesa e já tenham cursado alguma disciplina de Fonética e Fonologia; aprendizes sem instrução explícita na L2, ou seja, sem consciência fonológica, que são aqueles que não nunca tiveram nenhuma formação a respeito de fonética ou fonologia de língua inglesa.

Nesse sentido, o perfil dos sujeitos da pesquisa é basicamente de dois tipos: professores de língua inglesa em formação, divididos em três níveis de proficiência na língua inglesa e aprendizes de inglês, também estratificados em três níveis de proficiência, conforme podemos observar na figura 02, a seguir:

**Figura 02** - Distribuição das células para estratificação dos informantes

CÉLULA 01	CÉLULA 02	CÉLULA 03	CÉLULA 04	CÉLULA 05	CÉLULA 06
Nível Básico	Nível Intermediário	Nível Avançado	Nível Básico	Nível Intermediário	Nível Avançado

<b>Com instrução explícita na L2</b>	Com instrução explícita na L2	Com instrução explícita na L2	Sem instrução explícita na L2	Sem instrução explícita na L2	Sem instrução explícita na L2
--------------------------------------	-------------------------------	-------------------------------	-------------------------------	-------------------------------	-------------------------------

Fonte: o autor.

Diante disso, assume-se que os indivíduos que tiveram instrução explícita na L2, ou seja, indivíduos que cursaram alguma disciplina como Fonética ou Fonologia, apresentam consciência fonológica, tendendo a apresentar um menor índice de uso da epêntese vocálica inicial antes de *clusters* sC.

A coleta de dados é muito importante para a Sociolinguística Variacionista, pois a maneira como é realizada pode influenciar o resultado do estudo, enviesando-o. Apesar de a entrevista de experiência pessoal ser o principal método de coleta de dados neste tipo de pesquisa, Labov (1972 [2008]) apresenta outros meios que também podem ser utilizados para coleta de dados, entre eles, a leitura de listas de palavras e de texto (PEREYRON, 2008), os quais são usados nessa pesquisa.

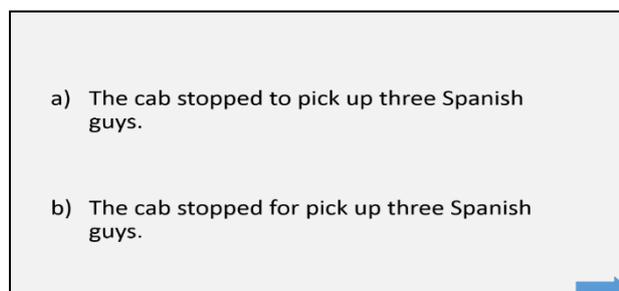
Este estudo conta com um total de dois instrumentos, de forma a contemplar dois estilos: um estilo de leitura (*reading style*) e um estilo menos controlado, baseado em um teste de julgamento gramatical. O estilo de leitura refere-se, como o termo sugere, à leitura de um texto construído, de forma que o fenômeno observado ocorresse segundo cada contexto fonológico investigado.

Quanto ao estilo menos controlado, considera-se a atividade de julgamento gramatical das frases, esperando-se que os informantes estariam preocupados com a estrutura gramatical da frase ao invés da estrutura fonológica, levando-os a produzir tais frases mais naturalmente. O teste consistiu de 28 pares de sentenças semelhantes com uma pequena mudança gramatical ou de vocabulário de uma sentença para outra dentro do par.

Solicitou-se do participante a leitura, em voz alta, apenas da sentença que ele julgasse gramaticalmente mais aceitável. Para tanto, utilizamos um *notebook Acer Swift 3 SF314-51 Windows 10 Home Intel® Core™ i5-6200U 2.3 GHz; Dual-core*. Para as gravações da produção dos informantes utilizamos um gravador de voz digital zoom H1

As sentenças eram formadas com palavras contendo o fenômeno da epêntese vocálica inicial em *cluster* sC tendo controlado o contexto precedente e a sonoridade do *cluster*, conforme o exemplo a seguir:

**Figura 03** - Modelo do teste de julgamento gramatical



Fonte: o autor.

Esperava-se que a presença da epêntese vocálica inicial em encontros consonantais sC ocorreria mais no estilo menos controlado, em que o informante não se monitora tanto em relação à pronúncia.

Apresentam-se, a seguir, dados e resultados da pesquisa realizada.

## RESULTADOS

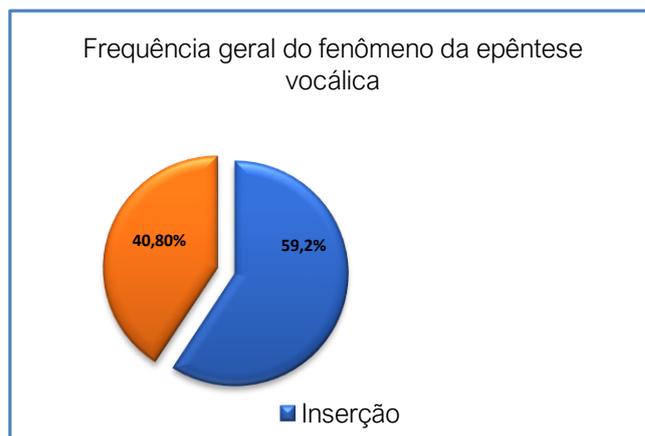
A análise das gravações foi realizada através de oitiva. Ao todo foram geradas 1440 ocorrências, as quais foram submetidas à análise do GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), sendo 685 ocorrências da tarefa de julgamento gramatical, considerada aqui como tendo menor nível de monitoramento e 755 ocorrências da leitura do texto, considerado com maior nível de monitoramento nesta pesquisa.

Os dados revelaram que, de um total de 1440 ocorrências, 852 foram de epêntese vocálica, o que equivale a 59,2% de ocorrência do fenômeno observado e 588 ocorrências de não inserção da vogal epentética, equivalendo a 40,8% do total de ocorrências (Gráfico 01).

Como se pode observar, há um alto índice de ocorrência da epêntese vocálica produzida por aprendizes brasileiros de inglês como L2, o que pode levar a refletir sobre a importância da instrução formal na aprendizagem da língua estrangeira padrão, que parece ser insuficiente para desenvolver tanto a consciência fonológica do aprendiz de L2 como mesmo a aquisição fonológica da língua-alvo.

A variável da sonoridade do encontro consonantal foi selecionada pelo programa como a mais relevante para a inserção da vogal epentética, nesta pesquisa. Os resultados mostraram que a aplicação da epêntese vocálica foi mais forte nos encontros consonantais /sn/ com peso relativo 0.70, /sl/ com peso relativo 0.58 e /sm/ com peso relativo 0.57.

**Gráfico 01** - Frequência geral do fenômeno da epêntese vocálica.



Fonte: o autor.

Na rodada estatística, a variável sonoridade do segundo elemento do *cluster* foi selecionada como a mais relevante para a inserção da vogal epentética.

Pode-se observar na tabela a seguir o comportamento dessa variável para a inserção da epêntese vocálica.

**Tabela 01:** Sonoridade do segundo elemento do *cluster*.

Fatores	Apl./Total	%	Peso relativo
/sn/	195/252	77,4	0.70
/sl/	158/234	67,5	0.58
/sm/	148/227	65,2	0.57
/st/	122/252	48,4	0.37
/sp/	109/226	48,2	0.37
/sk/	120/249	48,2	0.36
Total	852/1440	59,2	-
<b>Input: 0.606</b> <b>Significância: 0.000</b>			

Fonte: o autor.

Os resultados mostram que a ocorrência da epêntese vocálica foi mais forte nos *clusters* /sn/ com peso relativo 0.70, /sl/ com peso relativo 0.58 e /sm/ com peso relativo 0.57. Dessa forma, os dados de aprendizes de inglês como L2 – falantes de português brasileiro – coletados não corroboram os dados de Escartín (2005), uma vez que o elemento de sonoridade mais relevante nos dados desta pesquisa foi de uma nasal, seguida de uma líquida, e por fim, outra nasal, diferentemente dos dados de Escartín (2005), que colocaram a nasal como não favorecedora da epêntese vocálica.

Diante de tal fenômeno e principalmente ao levar em consideração que o fator sonoridade do segundo elemento do *cluster* foi selecionado pelo programa como o mais relevante, nos dados desta pesquisa, pode-se entender que, no processo de ensino de inglês como L2, dar uma maior atenção aos vocábulos que contenham os *clusters* /sn/, /sl/ ou /sm/ é importante para uma melhor aprendizagem por alunos brasileiros aprendizes de inglês como L2.

Além disso, as três consoantes presentes nesses *clusters* são homorgânicas, isto é, apresentam o traço da coronalidade, ou seja, são “produzidas com o levantamento da lâmina ou ponta da língua acima da posição neutra” (SILVA, 2011, p. 83). Assim, pode ser que o traço de coronalidade presente nessas consoantes seja responsável junto com a sonoridade pelo favorecimento da epêntese vocálica inicial. Dessa forma, quanto ao contexto de sonoridade do *cluster*, elementos mais sonoros como as consoantes nasais e as líquidas foram mais propícias a favorecerem o aparecimento da epêntese vocálica inicial antes de *cluster* sC, do que o contexto das consoantes obstruintes que são menos sonoras.

Pode-se observar na tabela 2, a seguir, os dados relativos à variável contexto precedente.

Tabela 02: Contexto fonológico precedente ao *cluster*.

Fatores	Apl./Total	%	Peso Relativo
Vogal posterior	150/208	72,1	0.65
Vogal anterior	118/190	62,1	0.53
Consoante dorsal	104/179	58,1	0.50
Pausa	126/216	58,3	0.48
Consoante coronal	164/288	56,9	0.45
Vogal central	86/162	53,1	0.42
Consoante labial	104/197	52,8	0.43
Total	852/1440	59,2	-
<i>Input</i> : 0.606			
Significância: 0.000			

Fonte: o autor.

Em relação ao contexto fonológico precedente, os dados revelaram que os contextos vocálicos são mais propensos à ocorrência da epêntese vocálica em encontro consonantal sC com peso relativo de 0.65 para vogal posterior e 0.53 para vogal anterior. Dessa forma, o fenômeno que contribuiu para uma porcentagem alta com contexto fonológico precedente de vogal anterior e posterior pode ter sido um processo de ressilabificação por juntura<sup>7</sup> e não por epêntese vocálica.

Dentre os processos de juntura há a degeminação, que ocorre quando dois sons passam a soar como um único som; a elisão, que envolve a queda de consoantes, vogais ou sílabas; e o sândi, quando ocorre o agregamento de formas imediatas (SILVA, 2011).

Dessa forma, o fenômeno que contribuiu para uma porcentagem alta com contexto fonológico precedente de vogal anterior e posterior pode ter sido um processo de ressilabificação por juntura e não por epêntese vocálica. Para verificar tais questões será necessário aprofundar esse estudo tendo como base uma análise acústica dos dados coletados, para verificar com mais clareza o processo envolvido na produção desses *clusters* sC estudados.

Os dados mostraram ainda que os informantes de nível avançado foram aqueles que menos usaram a estratégia de inserção da vogal epentética com peso relativo de 0.34, seguido do nível intermediário com 0.52 e por fim, o nível básico, com o maior índice de inserção da vogal epentética, com 0.63 de peso relativo.

Comparando ao estudo realizado por Escartín (2005), com falantes nativos de espanhol aprendizes de inglês como L2, essa variável se confirma também neste estudo. Segundo os dados, os informantes falantes nativos de espanhol com nível intermediário de língua inglesa atingiram peso relativo de 0.71, nível intermediário 0.44 e nível avançado 0.32. Dessa forma, as duas pesquisas confirmam que quanto mais proficiente na L2 for o aprendiz, mais a sua interlíngua vai se adequando à L2 padrão e o aprendiz vai deixando de lado aspectos da sua L1 na produção da L2.

<sup>7</sup> A juntura é definida por Silva (2011, p. 138) como um “contexto de transição entre domínios. Pode envolver sílabas, pés métricos, morfemas, palavras ou sentenças”. Dentre os processos de juntura há a degeminação, quando dois sons passam a soar como um único som; a elisão, que envolve a queda de consoantes, vogais ou sílabas; e o sândi, quando ocorre o agregamento de formas imediatas.

No entanto, faz-se necessário levar em consideração o que já foi discutido na seção que trata do aprendizado de L2. Nem sempre a aprendizagem aparece de forma retilínea na fala do aprendiz de L2; também acontece muitas vezes de forma curvilínea. O que pode parecer um retrocesso na aprendizagem do indivíduo, mas que na verdade não é nada mais do que os ajustes de informações novas aprendidas aos conhecimentos que esse indivíduo já possui.

Entender o papel da proficiência no processo de aprendizagem da pronúncia próxima ao padrão da língua-alvo também gera implicações pedagógicas, uma vez que um professor que consegue compreender esse processo gradual, bem como a aprendizagem de forma curvilínea tem condições mais apropriadas de lidar de maneira mais adequada com o aprendiz de L2 em sala de aula e de usar as formas didáticas mais adequadas na hora de conscientizar os aprendizes a respeito de aspectos específicos da L2.

E por fim, a respeito da instrução explícita na L2 do falante, esta variável revelou que os informantes com instrução explícita na L2, ou com presumível consciência fonológica na L2, ou seja, professores de língua inglesa em formação, usaram mais a epêntese vocálica inicial em encontros consonantais sC, com peso relativo de 0.55, do que os informantes sem instrução explícita na L2, que tiveram peso relativo de 0.44. Entretanto, esperava-se que informantes com instrução explícita na L2 não fossem propensos a utilizar a epêntese vocálica, ao contrário dos informantes sem instrução explícita na L2.

De modo geral, o que os dados desta pesquisa mostram, é que os informantes sem consciência fonológica/instrução explícita foram menos propensos a utilizar a vogal epentética numa ressilabação do que aqueles que já tiveram a oportunidade de receber instrução formal a respeito de Fonética e Fonologia de Língua Inglesa.

Pode-se deduzir que os dados são bem próximos da margem de 0.50, o que pode ser um indício da pouca quantidade de informantes utilizados nesta pesquisa. Além disso, outro fator que pode ter contribuído para esse resultado é que o critério para definir se o informante tinha consciência fonológica ou não foi o fato de o informante ser aluno do curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Inglesa, como mencionado anteriormente, e ter cursado a disciplina Fonética e Fonologia.

## CONCLUSÃO

Ao observar os dados analisados, percebeu-se que talvez seja necessário um trabalho mais intenso por parte dos professores de L2 com os aprendizes brasileiros de inglês como L2, levando em consideração aspectos como a sonoridade do elemento trabalhado em sala de aula ou o contexto linguístico no qual esses aprendizes se inserem como forma de dar ênfase a determinados aspectos para que os aprendizes de inglês como L2 possam adquirir, de forma mais sólida, a língua-alvo.

Os resultados alcançados contribuem não só para entender como ocorre a aprendizagem de inglês como L2 por aprendizes brasileiros, mas promove também implicações pedagógicas no ensino de inglês como L2. Conhecer as nuances que fazem parte do sistema linguístico, tanto o materno quando o dito estrangeiro, é importante para um melhor aprendizado da língua-alvo, levando em consideração que, o processo de aprendizagem de uma L2 pode se dá de forma consciente.

Um professor de inglês como L2 que tem conhecimento dessas peculiaridades de aprendizagem de línguas será capaz de compreender, por exemplo, que, em níveis mais básicos de proficiência, o aprendiz pode utilizar-se da epêntese vocálica como um suporte da língua materna para a aprendizagem da língua-alvo.

Parece-nos ser importante para o professor de L2 ter conhecimento dessas características das línguas maternas e alvo, bem como do aprendizado de L2, para o aprendiz também é importante conhecer o sistema fonológico de ambas as línguas, para que, ao se tornar consciente dos aspectos de pronúncia e das demais questões da língua-alvo, esse aprendiz possa desenvolver as suas próprias estratégias de aprendizagem da língua-alvo. Parece-nos que quando os indivíduos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de uma L2 tomam conhecimento sobre aspectos do sistema fonológico da língua, isso pode levar a favorecer também a adequação de sua produção oral.

## REFERÊNCIAS

- ALLAN, D. **Oxford placement test 1**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ALVES, U. K. O que é consciência fonológica. IN: LAMPRECHT et. al. **Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 29-41.
- BOUDAUD, M.; CARDOSO, W. Vocalic [e] epenthesis and variation in Farsi-English interlanguage speech. **Concordia Working Papers in Applied Linguistics**, 2, 2009.
- CARDOSO, W. **The variable development of English word-final stops by Brazilian Portuguese speakers: A stochastic optimality theoretic account**. *Language variation and change*, v.19, 2007, p. 1-30.
- \_\_\_\_\_, W. The Development of sC Onset Clusters in interlanguage: markedness vs. frequency effects. **Proceedings of the 9th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference**, (GASLA 2007), ed. Roumyana Slabakova et al., 15-29. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2008.
- CARLISLE, R. The effects of markedness on epenthesis in Spanish/English interlanguage phonology. **Issues and Developments in English and Applied Linguistics**, 3, 1988, 15-23.
- \_\_\_\_\_, R.S. The Influence of Environment on Vowel Epenthesis in Spanish/English Interphonology. **Applied linguistics**, v.12, n.1, 1991, p. 76-95.
- \_\_\_\_\_, R. Environment and markedness as interacting constraints on vowel epenthesis. In: \_\_\_\_\_ J. Leather; JAMES, A (Eds.), **New sounds 92** (p. 64–75). Amsterdam: University of Amsterdam Press, 1992.
- \_\_\_\_\_, R. S. Markedness and environment as internal constraints in the variability of interlanguage phonology. In: \_\_\_\_\_. M. Yavas (ed.) **First and Second Language Phonology**. San Diego: Singular Publishing Company, 1994 p. 223-249.
- \_\_\_\_\_, R. The modification of onsets in a markedness relationship: Testing the interlanguage structural conformity hypothesis. **Language learning**, v.47, 1997, p. 327-361.
- \_\_\_\_\_, R. The acquisition of onsets in a markedness relationship. A longitudinal study. **Studies in second language acquisition**. 20, 1998, 245–260.
- COLLISCHONN, G. Um estudo da epêntese à luz da teoria da sílaba de Junko Ito (1986). **Letras de hoje**, Porto Alegre: v. 31, n.2, 1996, p. 149-158.
- CORNELIAN JR, D. Brazilian learners' production of initial /s/ clusters: Phonological structure and environment. *New Sounds 2007: Proceedings of the Fifth International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech*, 2007.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ESCARTÍN, C. I. **The development of sC onset clusters in Spanish English**. Tese – Concordia University, Canadá, 2005.
- GASS, S.; SELINKER, L. (eds). **Language transfer in language vs learning**. Newbury House, Rowley, Massachusetts, 2008.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; M<sup>a</sup> Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, (1972) 2008.
- LUCENA, R. M; ALVES, F. C. Análise Variacionista da Aquisição do /p/ em Coda Silábica por Aprendizes de Inglês Como LE. **Revista Intertexto**. v. 5, n. 2, 2012.
- PEREYRON, L. **Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2008.
- RAUBER, A. S. **The production of English initial /s/ clusters by Portuguese and Spanish EFL speakers**. Unpublished Master's thesis, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC: Brazil, 2002.

- RAUBER S.; BAPTISTA. The production of English initial /s/ clusters by Portuguese and Spanish EFL speakers. **Rev. Est. Ling. Belo Horizonte**: v. 12, n. 2, 2004, p. 459-473.
- REBELLO, J. T. **The acquisition of English initial /s/ clusters by Brazilian EFL learners**. Florianópolis: UFSC, 1997.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.
- SELINKER, L. **Rediscovering interlanguage**. New York: Longman, 1972.
- SILVA. T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

Recebido em 30-10-2018.  
Aceito em 22-02-2019.